

# O Potiguar

Ano VI N° 32

Março 2003

Distribuição Gratuita



**ZÉ AREIA**  
**O ÚLTIMO BOÊMIO**

# Praia do Meio

**A**ntigamente, o local era conhecido como Ponta do Morcego, nome que constava de documentos oficiais. Relatório datado de 02 de abril de 1868, feito pelo engenheiro da Província Antônio Dias dos Santos, faz referências a rochas existentes no local: “acha-se na costa deste litoral no lugar denominado morcego uma grande jazida de rocha ígnea que encerra muito ferro, da qual tirei uma boa porção”.

Sabe-se que foi o topógrafo Manoel Joaquim de Oliveira quem construiu a primeira casa na Avenida Beira-Mar, atual Presidente Café Filho. Na inauguração da referida residência, foi sugerido o nome do atual

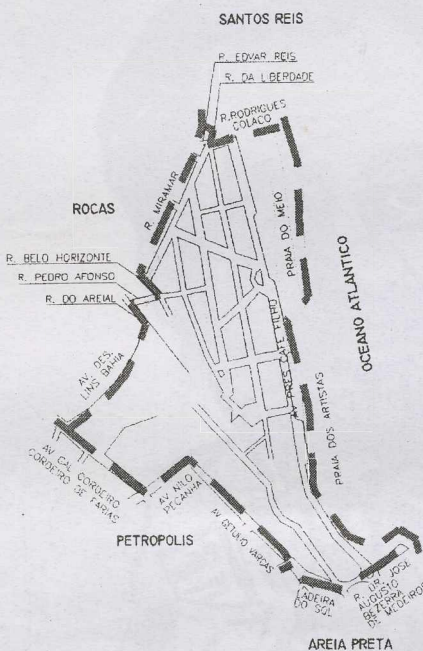
bairro, pois a casa ficava entre a Ponta do Morcego e Praia do Forte. Cascudo

nando-se festiva e perdendo a antiga denominação de Ponta dos Morcegos.

O avanço da população vinda das Rocas transpôs as areias dos morros, atingindo a antiga Ponta do Morcego e se espraiando até Petrópolis.

Uma das importantes obras do local, na administração do Prefeito Sylvio Piza Pedroza, foi a construção da Avenida Circular, partindo da Praia do Meio.

Foi oficializado bairro pela Lei n.º 4.328, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.



registra que de 1915 em diante a Praia do Meio teve casas de veraneio, tor-

*Paulo Venturele de Paiva Castro*

## EXPEDIENTE

- |                              |                         |
|------------------------------|-------------------------|
| - Diretor -                  | - Programação Visual -  |
| João Gothardo D. Emerenciano | Ramos Cruz              |
| - Editor -                   | - Capa -                |
| Moura Neto                   | J. M. Vieira            |
| - Revisão -                  | - Gerente Comercial -   |
| João Gothardo D. Emerenciano | Carlos Frederico Câmara |
| Giuliano Emerenciano Ginani  | - Impressão -           |
|                              | Gráfica Nordeste        |

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

*Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.*

# SINSENAT

Construindo a luta

Filiado À  
**CUT**

**Lutas garantem  
Conquistas**

**Presidente  
Soraya Godeiro**

Departamento de Imprensa  
João Napoleão

Rua Gonçalves Ledo, 798 - Centro  
Fones: (84) 211.2297 / 3082.9312  
sinsenat@digicom.br  
www.sinsenatmluta.hpg.com.br

## Praça Padre João Maria

**R**ecordo, dos dias de ontem, de uma área em forma retangular, sombreada por Ficus Beijamins, que traziam sob suas copas, bancos de pedra branco que convidavam ao repouso. Era um local repleto de religiosidade, tendo em seus limites a Venerável Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos e a Catedral de Natal. Ao centro, o busto do “Santo da Cidade”, o inesquecível Padre João Maria.

A Praça Padre João Maria, localizada por trás da ex-Catedral de Natal, é o ponto central da projeção de históricas ruas no bairro da Cidade Alta. Rua Santo Antônio e a Rua da Conceição (Caminho do Rio de Beber Água), Rua Voluntários da Pátria (Beco Novo), Rua Vigário Bartolomeu e a Rua Gonçalves Ledo (Rua da Palha) e a Rua João Pessoa (Visconde de Inhomirim, depois Coronel Pedro Soares).

A sua primeira denominação foi Praça da Matriz, posteriormente passou a se chamar Praça da Alegria. Entretanto, através da Resolução 105, de 11 de julho de 1906, esta Praça passou a se denominar Praça Padre João Maria.

O nome de Praça Padre João Maria, foi uma justa homenagem prestada pelo Presidente da Intendência, (cargo referente ao Prefeito do Natal), Joaquim Manoel Teixeira de Moura, ao Padre João Maria Cavalcanti de Brito, por ter dedi-

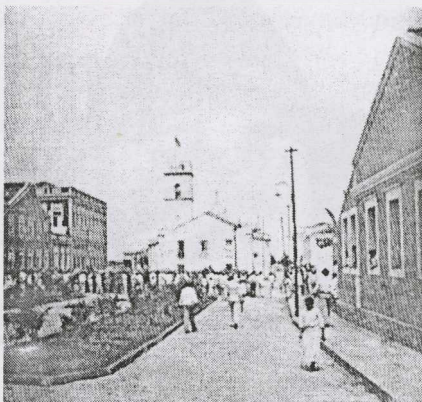


Foto: Manoel Dantas

cado a sua vida eclesiástica a serviço da população da cidade do Natal, especialmente aos mais humildes.

O busto de bronze que ocupa a parte central da Praça, obra do escultor Hostílio Dantas, foi erigido por iniciativa do Sr. Pedro Soares Filho, que buscou junto ao Clero, Governo do Estado e esforço próprio, concretizar este objetivo.

Entretanto, pela imprevisibilidade da morte, ele não pôde erigir o monumento, cabendo ao seu genitor, Cel. Pedro Soares, a conclusão da obra, que foi inaugurada em 7 de agosto de 1921. Em 1941, o então Prefeito de Natal, Dr. Gentil Ferreira, calçou as vias de contorno da Praça com paralelepípedos.

Ali a petizada vivenciava suas fantasias, onde cada qual imitava o seu herói. Ora “Tarzan”, subindo nos galhos dos Ficus Beijami, ora algum “cawboy”, nas brincadeiras de “mãos ao alto”; Os estudantes se revezavam junto ao busto do Santo Padre, desmanchando-se em promessas em véspera de prova es-

colar; enquanto outros, já no despertar da libido, exercitavam o ato de flertar, em passeios circulares sem fim. Ao anoitecer a rapaziada realizava em seus bancos de pedra brancos, os preparativos para as prometidas serenatas ou então, espichava a noite, jogando conversa fora, até o romper de um novo dia. Éramos todos iguais, mudávamos só de endereço.

A Praça das minhas alegrias, palco de préstitos solenes em datas santificadas, encontra-se hoje descaracterizada, ocupada, em grande parte, por um comércio de “Vendilhões do Templo”, sendo apenas um arremedo do que foi e representou.

Lamentavelmente o seu sentido religioso foi se consumindo, tal qual as velas acesas pela teimosia dos persistentes fiéis pagadores de promessas, as quais, compulsoriamente, assumem hoje a destinação de aquecer as drogas dos viciados que dominam os seus horários noturnos.

A histórica Praça que se confunde com a história da cidade do Natal, encontra-se hoje esquecida e abandonada. Ao “Santo” Padre, que lhe emprestou o nome, só podemos, acanhadamente lastimar, dizendo: sinto muito Padre João Maria Cavalcanti de Brito, em verdade vos digo, sinto muito.

Manoel Procópio de Moura Júnior



101 anos

Nos caminhos  
da educação

CIC

Centenário

1902

★★★★★

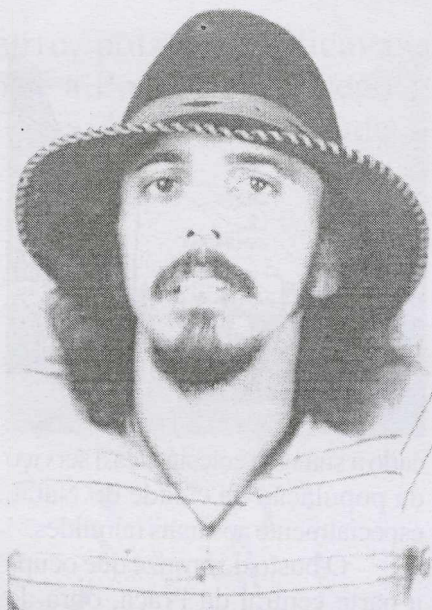
2002

# “Everart”

**E**u precisava deste preâmbulo para me comportar dentro da História no espaço e no tempo geográfico da minha cidade e assim poder falar da onda *hippie* em Natal. Para me recompor, ainda no tempo e no espaço, ao ano de 1966, quando ouvi pela primeira vez o termo *Beatnik*, através de Francisco Everaldo “Everart” de Araújo Moreira, um amigo que eu conhecia desde o ano de 58, quando estudamos, crianças ainda, em um Instituto que existiu na Rua Professor Zuza, na Cidade Alta. Como todos sabem, naquela época o mundo ainda não havia se tornado uma “global village” e as informações chegavam com lentidão.

Pois bem, havia alguns anos que não encontrava Everaldo mais logo que ele se aproximou, nos reconhecemos e começamos a conversar e ele me veio com a notícia de que ia ser *Beatnik*. “Bíte o que, cara?!” Eu perguntei entre curioso e interessado.

Esse mesmo Everaldo, foi o primeiro “maluco” a “pegar a estrada”, em Natal. Era músico violonista e cantava e se mandou na estrada por esses idos: 1966/67. Com um bom tempo, parou no Rio de Janeiro e trabalhou na Rádio Globo. Paralelamente tocava em conjuntos de baile e festinhas, com outros músicos. Estive em sua casa e ele me mostrou o velho álbum de fotografias. Uma trajetória digna do mitológico Old Bull Lee, nome dado a W. Burroughs, por Kerouac em *On the Road*. Aqui foi membro e fundador do primeiro conjunto musical de bailes jovem-guarda da cidade: *The Claytons*, posteriormente, *The Jetsons*. Funda e faz parte também dos *Infernais*, este, com explícita conotação Rollingstoniana, pois até então tudo orbitava com os Beatles, que apesar de revo-



lucionários, no âmbito do *underground*, eram considerados bem comportados. Imaginem.

Everart foi ainda empresário de conjuntos musicais, cuja nomenclatura vem mudando com as décadas. A partir dos 80s, foram “grupos”; atualmente, “bandas”. De rock e de música pop (inclui MPB, claro).

Paralelamente, rolava o *Alcatéia*...

É, isto mesmo. O velho “Everart” – assim é conhecido e registrado na Ordem dos Músicos do RN e no Sindicato de Artesãos. Daí para a frente a sua história daria um bom e rico romance. Depois de outro tempo e várias aventuras na “cidade maravilhosa”, regressa a Natal, casa-se com Olga ‘Olguinha’ Trindade e performatizam então, juntos, uma existência a qual, com certeza, pode ser perfeitamente comparada a de Jane e William Burroughs. Guardando-se as proporções sócio culturais, obviamente.

Everart era também bom baterista e compositor. Exímio interprete dos cantores Ruy Maurity e Taiguara. Depois tornou-se excelente artesão. Hobbie / curtidão / profissão esta que ele cult(ua)iva, até hoje, entre uns copos de vinho e bons goles de uma (melhor ainda) aguardente de cana Malhada Vermelha.

Eu sei que... em suma: eu gostaria muito de contar a sua história e sei também que ele deixou um grande exemplo de como ser sensível e corajoso, e, de cara, romper com o sistema universal materialista e do capitalismo tirano; os quais ele, com sua ultra sensibilidade e no circuito do província(ci)nismo alienado/hipócrita da Natal dos anos 60 – notadamente após o golpe militar de 64 – optou como ninguém, nesta *City of the Sun*, pela rebeldia, nas águas da contracultura, as quais geraram inúmeros filhos e indo desaguar, anos mais tarde, nas várias concentrações alternativas de vida, em alguma forma de liberdade conquistada. Inconscientemente intuía o brado de Sal, personagem de Kerouac: “Nós pegamos o mundo pronto e não gostamos dele”.

Quero me referir a essa figura como o símbolo da rebeldia e da radicalidade aqui em Natal, oriundas de sua sensibilidade, que transcendeu o real. Palmas à sua rica individualidade. Mais do que ninguém Everaldo incorporou a universalidade da mensagem dos *beats* e optou por sua prática. Didático. Se existe alguém que pode contar a história, é ele. Sem dúvida.

Maurílio S. Eugênio

Extraído de O “Movimento” Hippie em Natal (2ª parte). In: O Potiguar, Ano III, nº 20, Agosto/Setembro 2000



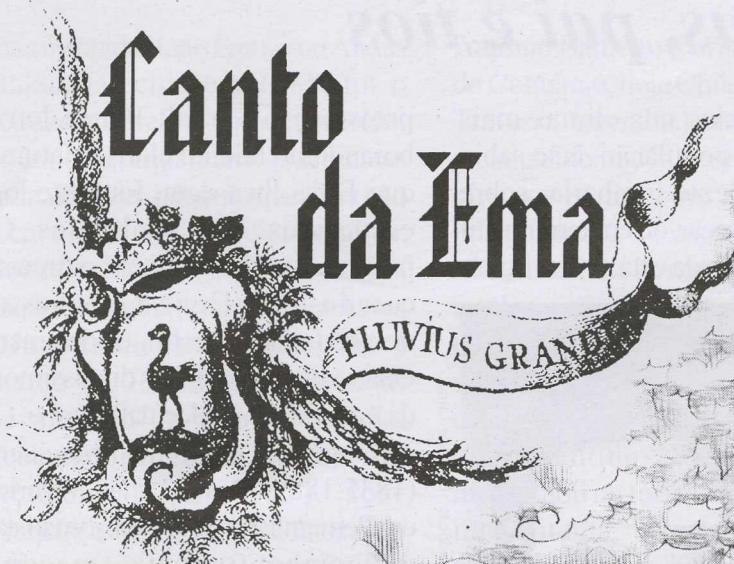
**-UNBEC-**

## COLÉGIO MARISTA DE NATAL

*100 Anos de tradição*

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020-130  
Fone: (84) 211-5005 - Fax: (84) 212-1216  
<http://www.natal-marista.com.br-natep>  
[@natal-marista.com.br](mailto:@natal-marista.com.br)

## Canto da Ema



### Versos livres para Vevé

I

A lombra da ganja bateu lá no salão do "Camana" quando a banda "Os Infernais" tocava "Minha Menina" de Jorge Ben com Mutantes.

II

Um cara fazia a base e pulava feito guariba mas também tocava baixo, órgão elétrico e bateria.

III

Tinha morado no Rio (foi Office-boy na Globo) trampava couro e pelica, um artesão como poucos.

IV

Maluco independente, sempre teve sua grana, rodava em carro de praça e esnobava os "canas".



V

Um dia, já nos setenta, pegamos um velho jipe, eu, ele, Maurílio Eugênio, Caio Gaúcho e um colombiano hippie.

VI

Metemos a cara no mundo com poeira e solavanco vendendo bolsa de couro, camiseta e tamanco.

VII

Daí, cada qual seguiu pelo mundo do vem-vai... nos encontramos depois, ele feliz: ia ser pai.

VIII

Queria que fosse "Ella" em louvor à dama do jazz mas o nome da menina virou Ana Karenina.

IX

Agora, no fim do ano, numa roda de amigos me pegaram à queima-roupa dizendo que ele se foi.

X

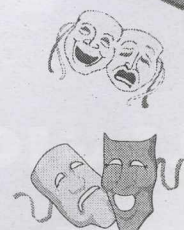
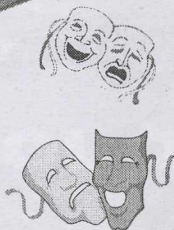
Valeu mestre Everaldo, guerreiro, guitarrista e artesão. A viagem não termina segue noutra dimensão!

Recife, 09-01-2003

Graco Legião

Núcleo Cultural  
Augusto Maranhão

Fone: 205-3690



## Zé Areias, pai e tios

A morte de Zé Areias (José Antônio Areias Filho, 1901-1972) apaga em Natal o derradeiro representante da verve recalcitrante, do espírito da réplica, imediata e feliz, o último contribuinte para o patrimônio esfuziante da improvisação anônima e surpreendente. Desapareceu em 31 de janeiro de 1972, (mês em que nascera), quanto nos restava de Popular sem vulgarizar-se e constituir uma preseça chistosa nas recordações bem-humoradas de todas as classes sociais. Sentindo a aproximação asfíxiante do enfarte, ergueu-se da rede, abraçando a mulher, vivendo a pilhéria final da sua vida dolorosa: “Mulher Feia! Quero Morrer em Teus Braços!”. A companheira susteve o cadáver, na casinha rústica da Travessa Monte Carlos. Veríssimo de Melo salvou algumas de suas produções, fatalmente orais, e é de esperar que reincida a benemerência, recolhendo os saldos fortuitos dessa grande e autêntica Inteligência apenas alfabetizada, conservando o timbre original da espontaneidade incomparável. Será em prosa um Quinto Livro bocageano, documentário do espírito anônimo, cristalizado no exercício fulminante da refutação imprevista. Paula Ney, Quintino Cunha, Emílio de Menezes produziam em ambiente repercutor, mas Zé Areias espalhava as inopi-

nadas facécias nos climas mais diversos da população. Não sabia onde a semente tombaria, sobre pedras para secar, ou em terreno útil para viver. Ainda está viva a figura



Reprodução: Lemilton Lima

nas lembranças contemporâneas, mas cinquenta anos depois, que dele restará, íntegro e real nas descuidosas menções do ano 3000? Haverá, para o futuro século, revelação mais flagrante da cultura coletiva em sua intimidade? Muito mais expressiva que qualquer labor literário porque esse incluirá, necessariamente, processos universais na comunicação artística. Malho na bigorna o ferro quente da Família Areias. Foram homens espirituosos, inquietos, incapazes de retardar o troco à

provação verbal. Pouca letra boiando no talento claro e natural que Deus lhes dera. Estão todos esquecidos. Vou lembrá-los. O patriarca, Antônio Francisco Areias, casado com Dona Genoveva, deixou fama de ser língua de prata. Quatro filhos, herdeiros digníssimos da mobilidade intelectual paterna. O primogênito, Antônio Francisco (1835-1889), Padre Areias, Vigário em Pernambuco e Paraíba, jornalista de combate, poeta, maçom, suspenso de ordens pelo Bispo D. Vital por não querer abjurar a Maçonaria, publicou **O Evangelho de Cristo** perante a Igreja dos Papas, (Recife, 1875), registrado por sacramento Blake, oficial-maior na Assembléia (1882-1886), como deputado-suplente tomou parte nas sessões legislativas de 1860-1861. Autor de modinhas sentimentais, uma Lamúrias, que Luís Ávila cantava, ao piano Teodorico Guilherme, ambos inesquecíveis. Uma tarde dava a Bênção do Santíssimo na Capela do Bom Jesus da Ribeira e um gaiato atirou um busca-pé faulhante e coleante no meio da assistência devota. Padre Areias depôs o “Santíssimo” no altar e paramentado, abriu o carreirão atrás do elemento perturbador, alcançando-o na Tatajubeira onde desafogou o peito com alguns cachações sublimadores. Voltou placidamente e concluiu a cerimônia

# SALESIANOS

## COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530

Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-3560

CNPJ: 08.320.384.0001/31

interrompida. João Francisco Areias Bajão, falecido em 1888, foi o segundo. Paralítico, poeta querido, boêmio, acompanhava as serenatas montado num jumento que dizia não tocar violão com preguiça de afinar. Sobre o Padre Assis e o Poeta Bajão divulguei pesquisas nas **Actas Diurnas** de janeiro de 1941 e março de 1944. Ambos pertenceram ao grupo literário, declamatório, folião, de Lourival Açucena (1827-1907). José Francisco Areias Zamba, falecido em setembro de 1891, terceira flor do ramalhete, foi o homeopata de Jundiá, quase doutor-formado, atendendo clientes em Natal e Ceará-Mirim, incrédulo, zombeteiro, sarcástico, o Dr. Francisco Clementino de Vasconcelos Chaves, senhor de Ferreiro Torto, alcunhará o Lê Diable Boiteux de Macaíba. Eloy de Souza e Henrique Castriciano recordavam grande anedotário de Areias Zamba. José Francisco Areias, o caçula, barbeiro afamado, violão primoroso, manteve o padrão antropológico, baixo, grosso, gordão, vagaroso, pele baça. Usava cavanhaque e unha comprida no dedo mindinho para repinicar a prima. Também chistoso, conversador, invencível no palavreado repontão. O americano Lyle Nelson levou-o aos Estados Unidos porque não admitia que outro oficial lhe pusesse as mãos na cara, tal a maestria da navalha do Pai de Zé Areias. O velho Zé

Antônio Barbeiro (barbearia na Rua do Comércio, hoje Chile, esquina da Travessa Argentina), conheci muito, mastigando inglês e contando o que vira nos States, com algum matiz imaginativo. É o compadre de minha Mãe, madrinha do menino Zé Areias, natalense, canguleiro da Silva Jardim que também se dizia Rua da Praia, quando ele nasceu. Rapazote andou estudando com Pedro Alexandrino e Clementino Câmara. Depois mergulhou no torvelinho. Barbeiro intermitente, biscateiro, não foi morador nem facadista, impertinente e pedinchão. Guardava compostura na humildade e decoro na Penúria como mendigo espanhol. Infalivelmente alvejava quem pretendesse humilhá-lo. Assim retrucou aos ricos, aos notáveis, ocasionalmente poderosos, procurando experimentá-lo nos recursos defensivos dos melindres íntimos. Quase nada e raramente versejava uma quadrilha, atendendo desafios. Oswaldo Lamartine de Faria registrou duas amostras no Uns Fesceninos (Rio de Janeiro, 1970). Nunca o ouvi responder senão na fulminante prosa, de efeito irrecorrível. Não se inspirava espontaneamente. Indispensável chamá-lo a terreiro no instintivo direito da Represália. Unicamente provocado reagia, imediato, numa voz displicente e mastigada de despreocupação. Dava o golpe derrubador recaindo na apatia, o grande rosto redondo e pupado alheado e triste.

Sua inspiração não seria obscena nem imoral mas simplesmente erótica. Recorria ao processo mais comunicativo da sátira nos níveis comuns do entendimento secular. Era Povo e falava como um personagem de Gil Vicente. Seu avô, Pai e tios foram raízes lógicas da desafronta. É uma das fórmulas mais profundas e naturais da jocosidade plebéia e ancestral. O pudico Menéndez Pelayo dizia-a nunca imoral, *aunque sea muchas veces libre y desnuda en la dicción*. Zé Areias, tempos idos, chegou a nossa casa em estado de graça, gago e tropeçante, querendo ver a Madrinha. Recusei, mas cedi aos reiterados apelos, com gesticulação dramática. Passando ao aposento onde minha Mãe estava, enferma, recobrou equilíbrio, dignidade, feição de gente. Entrou, curvou-se, beijou a mão da Madrinha e saiu sem dar as costas, recuando como um fidalgo olhando a Rainha. No terraço, retomou os atributos anteriores e característicos, outra vez gago, hesitante, nauseado. Felicitei-o pelo domínio sobre a dispersiva aguardente. Minha Madrinha pode mais! E lá se foi, cercando frango, pelas ruas onde era um Rei, pobre e legítimo **Soberano que a Morte exilou sem destroná-lo**.

*Luís da Câmara Cascudo*

*Extraído do livro Ontem, UFRN, Natal, 2ª edição, 1998.*

## Colégio Nossa Senhora das Neves



*quem estuda não esquece*

*Celebra seus 70 anos de existência:  
lembrando com gratidão o passado,  
vivendo com paixão o presente,  
abrindo-se com confiança para o futuro*

[www.colegiodasneves.com.br](http://www.colegiodasneves.com.br)

e-mail: [neves@colegiodasneves.com.br](mailto:neves@colegiodasneves.com.br)

Praça Pedro II 1055 Alecrim 59.030-000 Natal RN.

Tel.: (84)211 4566 Fax: 211 8820 211 3787

## Sátiras e Epigramas de Zé Areia

### DURANTE A GUERRA

Durante a guerra, Zé Areia trabalhava como barbeiro no Campo de Parnamirim. Nas horas de folga, vendia sagüis, papagaios, urubus e “gatos por lebres” aos norte-americanos.

Um dia, Luiz Tavares o encontrou na Ribeira. Zé Areia queixou-se da concorrência desleal no negócio dos sagüis. Os americanos só queriam agora pagar dez cruzeiros por cada um. Estava em situação difícil. Vendera muitos por quarenta, cinqüenta cruzeiros.

Passaram-se os meses. Inesperadamente, chega a Natal outra grande leva de soldados norte-americanos, em trânsito para a África. O negócio dos sagüis melhorou consideravelmente. Zé Areia chegou a vender sagüi a cem cruzeiros!.

Foi num desses dias gloriosos que Luiz Tavares o encontrou novamente, na Av. Tavares de Lira. Zé Areia estava completamente embriagado. Luiz Tavares perguntou o que significava aquele porre, ao que ele confessou, orgulhoso:

– Alta de sagüis!

\* \* \*

Contou-nos o próprio Zé Areia que, certa vez, não encontrava negócio para um dos seus sagüis, que tinha um buraco feio na cabeça pelada. (Devia ser um câncer, me disse). E como os americanos não queriam comprá-lo, teve uma idéia feliz para dar saída à mercadoria. Arranjou um punhado de selos velhos de consumo e pregou-os na cabeça do bicho, fazendo uma espécie de capacete. Um americano, que resolveu comprá-lo, indagou o que significava aquilo na cabeça do bicho, ao que Zé Areia esclareceu:

– Sabe alfândega? Muita fiscalização!...

\* \* \*

De outra feita, um americano mostrou um sagüi que tinha comprado a outro vendedor, por preço

muito mais razoável do que o dele, tendo Zé Areia justificado a transação com estas palavras:

– É. Mas, este morde!...

\* \* \*

Certa vez, Zé Areia vendeu um papagaio completamente cego a um americano. No dia seguinte, foi procurado pelo cônsul americano, juntamente com o soldado, – a vítima. O cônsul declarou que o papagaio que ele vendera era cego! Um absurdo. Não prestava. Zé Areia teve esta saída genial:

– Espere: o senhor quer papagaio pra falar ou pra levar pro cinema?...

### NOVA FIGURA JURÍDICA

Depois da guerra, Zé Areia voltou à velha miséria. Não tinha emprego e vivia de vender qualquer coisa que encontrava.

O chefe de polícia, general Ulisses Cavalcanti, arranhou-lhe o emprego de barbeiro, na Casa de Detenção de Natal.

Zé Areia trabalhou uns dias e logo depois desapareceu. Outro barbeiro passou a fazer o serviço dele.

Quando o general Ulisses soube que Zé Areia abandonara o emprego, mandou chamá-lo e quis saber o motivo. Zé Areia informou:

– Subloquei o emprego!...

### VELHA PIADA

Conta-se também de Zé Areia, – embora se atribua igualmente a Renato Caldas, – o que ele disse num ônibus superlotado. Bateu na campainha e exclamou:

– Parem para saltar um corno!

Houve risadaria geral. Ele desceu, calmamente, e já do lado de fora, gritou:

– Agora, podem levar o resto!

### CLASSE DESUNIDA

Entrando no restaurante de d. Zefinha, nas Rocas, Zé Areia pediu uma galinha assada. Veio o prato e ele ia começar a comer. Mas, num gesto fidalgo, ofereceu-o à dona da casa, nestes termos:

– Vamos comer uma galinha, dona Zefinha?

A mulher, mau-humorada, respondeu bruscamente:

– Não gosto de galinha.

Ao que ele completou:

– Isso é que é uma classe desunida!

### RESPOSTA MALICIOSA

Um gaiato passou ao lado de Zé Areia, zombando de sua gordura e indagou:

– Zé, quantos quilos você pesa?

Resposta maliciosa:

– Já te esquecestes?

### NA BATALHA DA BORRACHA

Uma das mais famosas histórias de Zé Areia aconteceu com o ex-presidente Café Filho, de quem era amigo. Estando no Rio, procurou o então vice-presidente e pediu-lhe um emprego. Café deu-lhe um cartão para ele se engajar na Batalha da Borracha. Foi à repartição competente e entregou o cartão, indagando do rapaz que o atendeu:

– Me diga uma coisa, amigo velho, o que é mesmo que eu vou fazer nesse emprego?

Resposta do funcionário, um tanto maliciosa:

– O sr. vai tirar leite de pau. (Querida dizer, que ele trabalharia no seringal, na Batalha da Borracha).

Exclamação de Zé Areia:

– Não quero mais o emprego, não! Quem tira leite de pau é...

E foi embora.

### VENDENDO SELAS

Na Av. Tavares de Lira, Zé Areia carregava uma sela nova, para



vender. Encontrando alto comerciante, seu amigo, ofereceu-lhe a mercadoria:

– Seu Mário, eu tenho uma sela para vender ao senhor.

Ao que o cidadão contestou em cima da bucha:

– Eu não sou cavalo. Pra que sela?

Zé Areia completou:

– Mas serve também pra burro!...

## O FIADOR

Certo dia, procurou o sr. José Leandro e pediu-lhe para alugar uma casa, na Praia do Meio. José Leandro foi incisivo:

– A você eu só alugo com fiador.

Zé Areia procurou o dr. Djalma Marinho, pediu-lhe a carta de fiança e prontamente foi atendido.

A casa foi alugada e começou a correr o tempo... Três meses depois, sem pagar um tostão, José Leandro encontra Djalma Marinho e faz a queixa:

– Djalma, faz três meses que aluguei a casa a Zé Areia, de que você é fiador, e ele nunca mais apareceu. O que é que se faz?

Djalma prometeu falar com ele. Encontrando Zé Areia, contou-lhe que Leandro o procurara e indagou por que não pagara o aluguel.

Zé Areia ouviu tudo calado e respondeu a Djalma:

– Já que você trouxe um recado, leve outro. Diga a José Leandro que eu tenho fiador!...

## QUEM DORME NA CALÇADA?

Encontrando um amigo, que morava nas Rocas, Zé Areia disse:

– Eu hoje vou almoçar e jantar com você.

O homem respondeu zangado:

– Na minha casa não entra corno!

Zé Areia indagou:

– E você dorme na calçada?



Zé Areia, travestido, no carnaval, faz a festa de marujos americanos. (Foto de João Alves de Melo)

## O CALOR...

Num bar, na Ribeira, estava Zé Areia com um grupo de boêmios. Na ocasião, entrou o velho Teodósio, vendedor de bilhetes de loteria. Abrindo o paletó, reclamou o calor desta forma:

– Eu hoje estou doido por um fresco!

Zé Areia aconselhou-o:

– Levante o chapéu, que de baixo tem um!...

## O NÚMERO COMPLETO

Zé Areia entrou num daqueles cafés da Ribeira, onde estavam vários rapazes, seus conhecidos, e foi recebido com esta frase:

– Aqui ninguém quer corno não.

Ao que Zé Areia indagou:  
– E o número já está completo?...

## BEVENUTO...

Zé Areia vendia rifa de um carneiro e oferecia a um grupo de rapazes, na esquina da Tavares de Lira. Um dos jovens, filho do velho Bevenuto, só pra chatear, foi dizendo:

– Não queiram não, que esse carneiro é fresco!

Alguém indagou como o carneiro se chamava, ao que Zé Areia informou:

– Bevenuto!...

## O CARNEIRO E A CHUVA

Noutra ocasião, Zé Areia andava com um enorme carneiro, de

outra rifa. Luiz de Barros adquiriu um bilhete, que à tarde saiu premiado. No dia seguinte, acompanhando Zé Areia, foi buscar o carneiro, num sítio no Alecrim.

Zé Areia apontou para um carneirinho magro, que estava no curral e disse:

– Pronto, seu Luiz. O carneiro é este, pode levá-lo.

Luiz de Barros protestou:

– Essa não! O carneiro da rifa parecia um zebu! Não é esse. Não levo.

Zé Areia tentou explicar:

– Seu Luiz, o carneiro é este mesmo. É que ele passou a noite toda na chuva e encolheu!...

#### A MELHOR PARTE DO PEIXE

Entrando numa peixada, nas Rocas, Zé Areia observou vários rapazes que discutiam sobre as melhores partes do peixe. Ninguém dava importância a Zé Areia, por ser um freguês sabidamente pobre. Lá pras tantas, um dos rapazes pediu a opinião dele sobre a parte do peixe que preferia. Improvisou esta quadrinha:

*Embora tudo aconteça  
De valente eu não me gabo;  
Do peixe quero a cabeça,  
Da mulher prefiro o rabo.*

A dona da peixada botou-o pra fora, pelo desrespeito.

#### QUE SIGNIFICA 69?

Na saída de um jogo de futebol, um comerciante, amigo de Zé

Areia, perguntou:

– Zé pra você o que significa sessenta e nove?

Resposta exata:

– Para mim é um número. Para você é um vício!...

#### UM CAÇUÁ DE RIO DE JANEIRO

Numa roda de amigos, no Rio de Janeiro, alguém perguntou a Zé Areia se ele gostava de Natal. Respondeu:

– Eu não troco as Rocas por um caçuá de Rio de Janeiro, você me voltando ainda São Paulo!

#### ANDAR NA LINHA

Uma manhã, Zé Areia entrou na casa de um amigo, à margem da linha do trem, completamente embriagado. O dono da casa estranhou:

– Mas, uma hora destas e você já está embriagado?

Zé Areia chamou-o para ver uma coisa e apontou um cartaz da estrada de ferro, com o dístico “É proibido andar na linha”.

#### RAIMUNDO NA EUROPA

Além das glosas líricas, Zé Areia glosava outros gêneros. Quando Raimundo Cavalcanti de Barros, escritor e grande amigo de Zé Areia, regressou da Europa, inventaram várias estórias safadas com ele. Deram, a propósito, um mote a Zé Areia.

#### Raimundo foi à Europa E voltou falando inglês. GLOSA.

Nunca deu o ás de copa,  
Não conhecia o prazer...  
Pra dar sem ninguém saber  
**Raimundo foi a Europa.**  
Dinheiro ele não poupa  
Quando chega a sua vez.  
Por isso, com sensatez,  
Fez tudo que pretendia.  
Conheceu o que queria  
**E voltou falando inglês.**

#### NÃO HÁ TRISTEZA NO MUNDO...

Oswaldo Lamartine de Faria, no seu “UNS FESCENINOS”, (Artenova, Rio, 1970), incluiu a seguinte “boutade” de Zé Areia: “Boêmios bebiam numa mesa e bêbados se faziam líricos, evocando poesias. Ao lado, Zé Areia ia tristonho de lapada em lapada, fazendo minguar o nível de uma garrafa de **alegria de pobre**. As tantas um vizinho, virando-se para ele, evocou a consagrada quadrinha de Américo Falcão:

*Não há tristeza no mundo,  
Que se compare à tristeza  
Dos olhos de um moribundo  
Fitando uma vela acesa.*

E ele, parodiando, arrematou:

*Não há tristeza no mundo,  
Que se compare à tristeza  
Do sujeito olhar um fundo,  
Sem ficar de vela acesa...*

Veríssimo de Melo

Extraído do livro *Sátiras e Epigramas de Zé Areia*. Co-edição Gráfica Nordeste / O Potiguar, Natal, 4ª edição, 2001

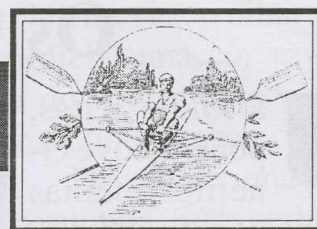
**Offset**  
GRÁFICA

Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira  
59012-370 - Natal - RN  
Fone: (84) 211-7664



Rua Dr. Barata, 217/219 - Ribeira - Fone: 211-5180 - Fax: 222-1500  
www.galvaomesquita.com.br - galmes@digi.com.br

## DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



### José Alexandre Garcia

**P**assei a conviver com José Alexandre Odilon Garcia, o nosso Alex, desde a mocidade, quando iniciávamos os primeiros passos no futebol de botão, distração de quase todos os jovens de minha geração.

Em sua residência, mesmo com a objeção de seus saudosos pais, utilizava em horários intermináveis a mesa elástica das refeições, servindo de campo, com cuidadosa marcação, em tintas ber-rantes, para saudáveis jogos de botões com seletor número de amigos. Nas partidas em que disputava, depois de preparar o "gramado" com talco/parafina, entrava em campo com sua equipe de botões de capas (Poti), cautelosamente preparados, representando sempre a equipe do Palestra Itália (hoje Palmeiras), com o nome de seus ídolos prediletos – Jurandir, Carnera, Begiolimini, Del Nero, Luizinho Matias.

Ao colocar em campo sua equipe, ensejava momento curioso, saudando os craks e seu time de coração. Havia uma deflexão na mesa

elástica e por ser o "dono do campo", tinha o privilégio de escolher sempre aquele lado para iniciar a partida, ficando o segundo tempo para o adversário.



Em 1946 iniciei minhas atividades profissionais como comerciante importador de madeiras e utilizei por 25 anos seguidos os serviços do escritório do velho despachante José Alexandre de Amorim Garcia, seu honrado e saudoso pai, que com o seu faleci-

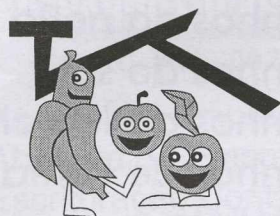
mento passou à direção de Alex.

Daí por diante enveredamos pelos caminhos dos esportes de nossa terra, acompanhando o seu desenvolvimento, e juntos estive-mos em quase todos os seus notáveis empreendimentos, principalmente nas melhores épocas do Santa Cruz Futebol Clube, na Associação dos Cronistas Esportivos, no América Futebol Clube, nas Federações de Basquete e Futebol de Salão e nas grandes promoções realizadas por Alex em Natal, em que foi um mestre com extraordinárias idéias, planejamento e execução.

Ao lado de Humberto Nesi, João Cláudio de Vasconcelos Machado, Djalma Maranhão, Euclides Lira, Salatiel Silva, João Bastos Santana e tantos outros, também já falecidos, José Alexandre, o Alex, foi, inegavelmente, um dos grandes desportistas do nosso Estado em todos os tempos.

*Luiz G. M. Bezerra*

### A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

### HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

**R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo**

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - Pabx: (84) 211-1154  
TLX: (84.2464) - FAX: (84) 221-1157 - Natal-Brasil

## Os 10 melhores momentos

**J**á foram feitas, por críticos e cinéfilos, muitas listas dos 10 melhores filmes de todos os tempos (às vezes, detalhando por gênero: os melhores westerns, os melhores musicais, os melhores filmes de humor etc). Mas, interessante mesmo, é se fazer uma lista dos melhores momentos cinematográficos. De alguns dos filmes que vi em cinemas de Natal, eu escolho estes



momentos ou seqüências marcantes:

1) pela criatividade da montagem: no filme “O Encouraçado Potenkin”, do russo Sergei Eisenstein (em cartaz no cinema Nordeste a 21 de Abril de 1963), a seqüência das escadarias de Odessa, os soldados do czar atirando contra o povo, provocando cenas de desespero, fragmentadas para o destaque da violência (como no momento em que a mulher recebe um tiro no olho, é mostrada a lente estilhaçada, câmera parada,

depois prosseguem as cenas, inclusive a famosa, do carrinho do bebê descendo des-governado as escadarias).

2) pela poética dos recursos da câmera: no filme “Citadão Kane”, do norte-americano Orson Welles (em cartaz no cinema Rex a 26 de Fevereiro de 1943), com a profundidade do campo muito bem explorada pelo diretor de fotografia, e o bom uso da câmera exemplificável pela imagem enorme de Kane em um painel, “esmagando” a própria presença viva, em carne

e osso, do personagem, no momento do seu discurso, sua figura se tornando minúscula, pelo posicionamento da câmera.

3) pela inteligência metalingüística do roteiro: no filme “Oito e Meio”, do italiano Federico Fellini (em cartaz no cinema Rio Grande a 06 de Agosto de 1967; na seqüência final, o diretor de cinema Guido Anselmi pega da mão de uma mulher e entra na

ciranda feliz, se tornando personagem do filme que ele, o personagem-diretor, quer dirigir (e que Fellini dirigiu por ele).

4) pela impressionante “interpretação” de determinados animais: no filme “Vidas Secas”, do brasileiro Nelson Pereira dos Santos (em cartaz no cinema Nordeste a 10 de Outubro de 1964), o momento da “morte” da cachorrinha Baleia, dando lição de como se morre de mentirinha em trabalho de arte.

**Bella Natal**  
Restaurante

A partir de 8 de Maio

Aberto das 11:00hs  
às 23:00hs

[www. bellanatal.com.br](http://www.bellanatal.com.br)

Nos caminhos do dia  
Nos caminhos da noite  
Nos caminhos do sol  
Nos caminhos da lua cheia  
Nos caminhos de Ponta Negra  
Você se delicia  
No Bella Natal

Av. Eng. Roberto Freire, 2920, Shopping Cidade Jardim, Loja 63 - Natal/RN - Fone: 217-4704

5) pelo uso imaginativo de objetos inanimados, humanizando-os: no filme “O Balão Vermelho”, do francês Albert Lamorisse (em cartaz no cinema São Luiz a 10 de Dezembro de 1958), a seqüência em que todos os balões da cidade se soltam das mãos de quem os segura e vão todos ao encontro do garoto, após o balãozinho vermelho dele ter sido destruído, aí estando simbolizado o valor da solidariedade e da amizade.

6) pelo ritmo da imagem sincronizando com o ritmo do som: no filme “Os Reis do Iê, Iê, Iê”, do inglês Richard Lester (em cartaz no cinema Panorama a 18 de Novembro de 1967), os momentos iniciais, som e imagem acelerados, como se o grupo de cantores jovens (à época) já estivesse em pleno show, não havendo um começo propriamente dito.

7) pelo destaque da sedução do corpo feminino: no filme “O Anjo Azul”, do austríaco Josef von Sternberg (em cartaz no cinema Poti a 22 de Setembro de 1967), o momento em que a cantora, magnificamente interpretada

por Marlene Dietrich, senta no barril de vinho, no palco do cabaré, levantando as pernas em gesto sensual e provocativo.

8) pela beleza da fotografia: no filme “Contos da Lua Vaga”, do japonês Kenji Mizoguchi (em cartaz no cinema Rex a 21 de Novembro de 1964), o momento do barco atravessando o rio, lembrando uma pintura belíssima, mesmo em preto-e-branco, o diretor no caso usando genialmente o plano seqüência.

9) pela espontaneidade da presença infantil: no filme “Cria Cuervos”, do espanhol Carlos Saura (em cartaz no cinema Rio Grande a 28 de Junho de 1981), o momento em que a talentosa atriz-mirim (8 anos de idade à época do filme) Ana Torrent marca o jeito de ser de criança, imaginando conversar com a mãe enquanto vagueia sozinha por um imenso corredor da casa.

10) pela força simbólica das cores: no filme “Um Dia, Um Gato”, do tcheco Vojtech Jasný (em cartaz no cinema Nordeste a 06 de Agosto de 1969), o momento em que,

pela primeira vez, o olhar do gato projeta uma cor reveladora do sentimento e de caráter de uma pessoa.

Dentro de uma escolha resumida, estes seriam bons momentos cinematográficos. Mas existem muitos outros, podendo-se mencionar ao acaso: o canário trinando somente quando o reflexo do sol bate na gaiola, em “Meu Tio” (de Jacques Tati, em cartaz no cinema Nordeste a 05 de Junho de 1960); Mickey tentando ser um feiticeiro, mas provocando um grande desastre aquático ao som da música de Paul Dukas, em “Fantasia” (dos estúdios de Walt Disney, e em cartaz no cinema Rex a 17 de Junho de 1961); a vertiginosa figuração gráfica da queda nos letrados iniciais em “Um Corpo Que Cai”, de Hitchcock, mas o genial desenho por Saul Bass, antecipando-se aos efeitos da computação gráfica antes dela existir (em cartaz no cinema Rio Grande a 15 de Agosto de 1986).

*Anchieta Fernandes*



**ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE**  
**GENARDO LUCAS DA CÂMARA**  
TC RN - 002157/O-4

- Assessoria Empresarial
- Abertura de Empresas
- Escrituração Contábil
- Escrituração de Livros Fiscais

Rua Dr. Miguel Couto, 244  
Bairro Vale do Pitumbu - Natal/RN  
Fones: (84) 218.5311 / 218.3415 - genardo@uol.com.br

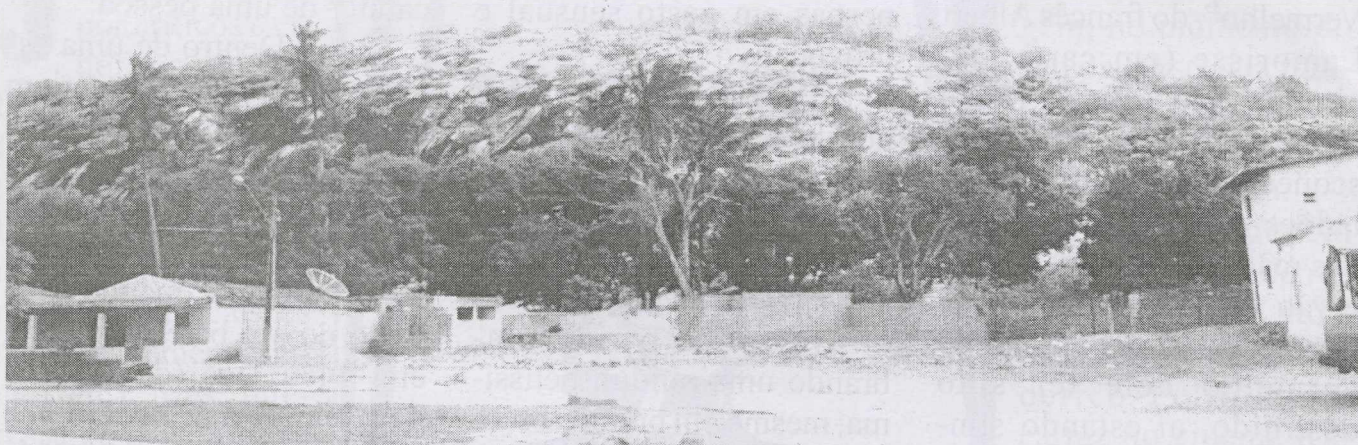


**Indubem**  
**Indubem Embalagens Ltda**  
**SACOS - SACOLAS**  
**CAIXAS DE ETIQUETAS - PRESENTES**

**Francisco Dantas**  
REPRESENTANTE

Rua Mirabeau Pereira, 457 - Alecrim - Natal/RN  
CEP 59032-150 - Fax: (84) 213-4906

## O mocambo de negros da ribeira do rio Trairi



Vista parcial da Serrinha, antigo valhacouto de negros fugidos dos engenhos das ribeiras do Trairi e Jacu.

**N**a época colonial, *mocambo* tinha o significado de *Couto de Negros fugidos na floresta*, isto é, o mesmo que *quilombo*.

Em 1722, o povo da capitania do Rio Grande dirigiu uma petição ao Capitão-mor José Pereira da Fonseca, a qual foi objeto de uma portaria da referida autoridade. Segundo a petição popular, ocorria a presença de um mocambo de negros na ribeira do rio Trairi, contando já com o expressivo número de quarenta e tantos “arranchados”. Eram eles acusados de terem matado muito gado dos moradores do Trairi e

roubado em várias fazendas, obtendo de tal maneira pólvora e armas, o que aumentava a sua periculosidade.

O Capitão-mor José Pereira da Fonseca, através da portaria de 14 de julho de 1722, ordenou ao coronel Manuel Gomes Torres que reunisse a gente que lhe fosse possível, tanto soldados como índios, a fim de marcharem sob a direção de um cabo de guerra, para a ribeira do Trairi, onde reprimiriam aquele mocambo<sup>1</sup>.

A documentação seguinte àquela data de 14 de julho de 1722, não nos fornece informação a respeito

das operações desenroladas naquela ribeira, nem o resultado final da repressão ao mocambo. Pode-se deduzir, apenas, que as tropas governamentais tiveram êxito em sua missão repressora.

Quanto ao coronel Manuel Gomes Torres, informamos o genealogista Borges da Fonseca, que o mesmo era natural de Portugal, tendo sido coronel na capitania do Rio Grande. Possuía ele seis engenhos e foi senhor do engenho Estivas, na freguesia de Goianinha. Foi casado com d. Maria de Paiva, filha de Gaspar de Paiva e de sua mulher Maria da Rocha<sup>2</sup>.

**100anos**  
A mais antiga  
Instituição Cultural do Estado

1902 \* 2002

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE**

**A.S. LIVROS**

**Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05**  
**Lagoa Nova - CEP 59063-100**  
**Natal/RN - Fone:206-9099**

Encontrava-se ele no Rio Grande desde 1683.

Em 1704, o coronel Manuel Gomes Torres exercia o cargo de Provedor da Fazenda Real, Alfândega e Almojarifado na capitania do Rio Grande.

Em Natal, o Cel. Gomes Torres obteve, aos 2 de novembro de 1718, um terreno onde construiu suas casas, "na rua direita que ia de cima para baixo, para a Igreja do Rosário, entre as Casas da Câmara e as casas em que morou o coronel Gonçalo da Costa Faleiro, medindo 5 braças por 25, na antiga rua da Cadeia<sup>3</sup>.

Em 1707, Manuel Gomes Torres, que já tinha o posto de coronel, obteve uma data e sesmaria nos campos de Sussuatan, ribeira do rio Trairi. A terra, concedida pelo governo do Rio Grande, media três léguas de comprimento por uma de largo<sup>4</sup>. Na descrição de uma doação posterior, das mesmas terras do Sussuatan, cujo beneficiário foi Félix Ferreira da Silva, nº 338, de 15 de junho de 1744, foi

feita a localização das terras de Sussuatan:

*"... pegando em um marco que se acha da parte do nascente, junto ao Boqueirão, fazendo extremas com a Pajuçara de Cima; e correndo o rumo para a parte do poente até donde se achar outro arco, fazendo extrema com o sítio da Gameleira; e da parte do norte, fazendo extremas com o sítio dos Olhos de Água; e da parte do sul fazendo extremas no Rio Jacu..."*<sup>5</sup>

A terra representada pela data do Sussuatan ocupava áreas pertencentes aos atuais municípios de Lagoa de Pedras, Serrinha e Santo Antônio, no Rio Grande do Norte.

Em terras da antiga Data e Sesmaria do Sussuatan existe uma pequena serra chamada SERRINHA, cuja denominação foi estendida à cidade e ao município onde se encontra. Para os negros que fugissem de Papari (Nísia Floresta), São José do Mipibu, Goianinha e Arez, Serrinha era a primeira serra encontrada. Do alto da mesma tinha-se uma visão de muitas léguas ao redor, podia-se plantar lavouras de subsistência e existiam olhos d'água.

A Serrinha serviu de valhacouto, em 1722, aos negros fugidos dos engenhos das ribeiras do Trairi e Jacu.

*Olavo de Medeiros Filho*

1. LIVRO DE REGISTRO DE CARTAS E PROVISÕES DO SENADO DA CÂMARA DO NATAL (Livro 7 - 1720-1728, fls. 17 e 17-v). Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Caixa nº 83;

2. BORGES DA FONSECA, Antônio José Victoriano. Nobiliarchia Pernambucana, vol. II, p. 137. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1935;

3. MEDEIROS FILHO, Olavo de. Terra Natalense, p. 82. Natal: Fundação José Augusto, 1991;

4. RELAÇÃO ÍNDICE DAS SESMARIAS CONCEDIDAS PELO GOVERNO DO RIO GRANDE. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte;

5. LIVRO DE REGISTRO DE CONCESSÕES DE DATAS E SESMARIAS DO GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE (Data nº 338, de 15.06.1744).

**Sebo  
Amorim**

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN  
Fone: (84) 221-3717 / 9973-9423

**Seb Art**  
CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

MATRIZ NA RUA DA CONCEIÇÃO, 617  
FILIAIS: RUA VAZ GONDIM, 816 - CENTRO - NATAL/RN  
AV. XAVIER DA SILVEIRA, 67 - TEL.: 9461-5996 / 9415-9924

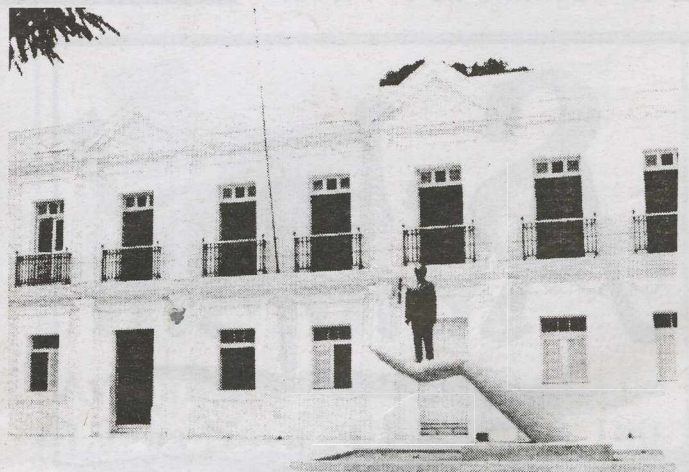


Foto: Lenilton Lima

Casa onde faleceu Zé Areia, na Travessa do Motor, 241-B

### MUSEUS GERENCIADOS PELA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO:

- Museu de Cultura Popular - Rua Chile - Ribeira
- Museu Café Filho - Rua da Conceição - Cidade Alta
- Museu de Arte Sacra - Vizinho a Igreja Santo Antônio
- Pinacoteca - Antigo palácio do Governo - Cidade Alta
- Solar João Galvão - Av. Câmara Cascudo
- Memorial Câmara Cascudo - Cidade Alta
- Fortaleza dos Reis Magos - Praia do Forte
- Museu Guaporé - Ceará Mirim - Engenho Guaporé



FUNDAÇÃO  
JOSÉ AUGUSTO



GOVERNO DE TODOS  
Trabalhando pra valer